

## NOSSA ORDEM POLICIAL: O QUE PODE SER DITO, VISTO E FEITO<sup>1</sup>

*Tradução de Giselly Brasil<sup>2</sup>*

### Resumo

Entrevista na qual são debatidos temas como o pensamento político contemporâneo, engajamento social, distúrbios sociais e suas implicações, para levar à conclusão de que vivemos imersos numa ordem policesca e não mais política, parâmetros introduzidos pelo livro *Império*, de Hardt e Negri.

**Palavras-chave:** deslocamentosocial, visibilidade artística, globalização.

### Abstract

Interview debating contemporary political thinking, social engagement, social troubles and their implications, coming to the conclusion that we live immersed in a police order rather than a political one, according to the frames introduced by the book *Empire*, from Hardt and Negri.

**Keywords:** social translations, artistic visibility, globalization.

**Truls Lie:** Você poderia fazer uma descrição geral do engajamento político na cena política ou intelectual francesa de hoje, após as mortes de Deleuze, Derrida, Lyotard e outros? Quem são as pessoas que estão discutindo isso por um viés político-filosófico hoje na França?

**Jacques Rancière:** É difícil dizer. Por um lado, existe uma espécie de filosofia política oficial na França, que é muito forte e ao mesmo tempo muito fraca. Há filósofos como Alain Finkielkraut e Michel Gauchet, que discutem os problemas da democracia, como a democracia se torna uma ameaça para si mesma, porque está sendo reduzida ao poder do indivíduo, do consumismo. Isto é, na verdade, uma espécie de transformação da crítica marxista ao consumo por uma via antidemocrática, a ideia de que tudo está perdido devido ao individualismo da massa, da democracia, que significa consumismo. É difícil encontrar pensamento político na França de hoje. Claro que existem

<sup>1</sup>*Le Monde Diplomatique*, Oslo, 11 de agosto de 2006. Entrevista ao editor Truls Lie.

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

filósofos como Alain Badiou, por exemplo, que tentam incorporar uma espécie de fidelidade a um determinado tipo de política de dissolução.

**Truls Lie:** Você escreveu no passado sobre o trabalhador e o intelectual do século XIX. Você acha que os intelectuais na França, por exemplo, estão usando seu poder para categorizar e usar o trabalhador em suas discussões?

**Jacques Rancière:** Eu acho que não. Naturalmente, estudei a emancipação dos trabalhadores no século XIX para repensar certa tradição, conhecida como tradição marxista. Mas agora lamento dizer que não há grande interesse por essas questões. Acredita-se que tudo isto está acabado, que não existem mais movimentos de trabalhadores, e nem mais a emancipação dos trabalhadores. Há uma tendência, na França, em considerar qualquer tipo de protesto de trabalhadores como um sinal de doença. Eles são vistos como a parte antiquada da população que não pode lutar com a modernidade.

É interessante notar que Rancière utiliza o termo “ordem policial” para descrever a maior parte do que normalmente entendemos como política – o corpo estruturado de uma sociedade onde tudo tem seu lugar. A ordem policial é o governo ou o processo de governar que prescreve a nossa realidade ou a nossa sensibilidade – em relação às normas básicas que definem o que é ou não permitido e o que está ou não à disposição numa determinada situação – no campo da percepção em si. Quase como um código de conduta. Existe, portanto, uma implícita divisão que dita o que pode e o que não pode ser dito, visto ou feito. Isso cria conjuntos de normas permanentes que, por sua vez, estabelecem uma comunidade que decide quem é incluído ou excluído, cujas palavras são significantes ou insignificantes, quem tem o direito de governar e outros que não tem. Mas existem agentes concretos na ordem policial? Políticos individuais, a IT Microsoft mundial, ou a empresa de televisão neoconservadora americana *Fox News*?

**Jacques Rancière:** Não deveríamos pensar na ordem policial apenas como uma instituição. Não creio que a ordem policial seja a mesma que a polícia com seus bastões. Eu acho que é muito fácil dizer que a mídia é a polícia, que ela é uma grande máquina. A ordem policial não é apenas um Grande Irmão<sup>3</sup>, mas é uma espécie de distribuição daquilo que é dado à nossa experiência, daquilo que podemos fazer. Nós não precisamos de um Grande Irmão como a *Fox News*. Penso que o mesmo tipo de separação entre o que é possível e o que é impossível para nós pode ser feita através de canais mais sofisticados. É errado focar num exemplo horrível como esse da *Fox News*. Os sofisticada-

<sup>3</sup>Alusão direta a *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, onde a figura do Grande Irmão tudo domina com seu poder de visão. (NT)

dos meios de comunicação também fazem parte da ordem policial, como uma espécie de distribuição daquilo que você pode ou não pode fazer. Na França, nós temos alguns jornais sofisticados, mas eles são membros da ordem policial do mesmo modo que a *Fox News*.

**Truls Lie:** Você está fazendo uma distinção entre “ser político” e “ordem policial” – a este respeito, você considera os livros de Hardt e Negri sobre as multidões como um tipo de reação “de dentro para fora”?

**Jacques Rancière:** Sob o meu ponto de vista, a multidão de Negri está ainda em sintonia com o que eu chamaria de velho ponto de vista sobre questões políticas, a ideia de que o verdadeiro palco político deve ser encontrado na realidade da força produtiva, força viva, da sociedade. Penso que Negri está ainda trabalhando neste esquema, segundo o qual surgirá um movimento real vindo de baixo, que será o movimento do trabalho e a transformação do trabalho, novas formas de comunicação. Há esta velha ideia marxista de que haverá uma subversão proveniente do próprio sistema, a ideia de que as forças produtivas geradas pelo próprio sistema capitalista irão quebrar o sistema. Não creio que o capital crie seus próprios coveiros, segundo o esquema marxista.

O filósofo Slavoj Žižek destaca, no epílogo de *A Política da Estética*, precisamente como Rancière descreve, a maioria dos sistemas políticos que reprimem a atividade política: *Arqui-política* é o comunitarianismo que visa harmonizar a sociedade, mas fecha todos os lugares à ação política. *Para-política* é quando alguém elimina o elemento antagonístico necessário à ação política, como modo de formular as regras explícitas do jogo que devem ser seguidas. A política é transformada em lógica de polícia – a ética de Habermas e Rawls. Finalmente, é a utopia *meta-política* marxista ou socialista que tem em seu núcleo a suspensão do objetivo político. Isto ocorre quando a infraestrutura econômica assume o comando político: o governo do povo seguido pelo governo de tudo e de todos, dentro de uma ordem totalmente racional e transparente dirigida pela vontade coletiva. O próprio Žižek acrescenta um quarto sistema “despolitizador”: a *ultra-política*, que é praticada através de uma militarização política direta levando os conflitos ao extremo, num nível de “para nós ou contra nós”, “amigo ou inimigo”. Nisso reconhecemos as autoridades americanas ou israelitas.

A maioria das filosofias e sistemas políticos, de Platão ao pensamento político liberal contemporâneo, tem girado em torno da vontade de lutar e regular o potencial desestabilizado da política. De acordo com Žižek, na *pós-política* atual, é possível ver o antagonismo na ação política substituído por tecnocratas esclarecidos. A ordem policial justifica-se a si mesma, não só através

de atos de guerra, mas também através de atitudes burocráticas, relacionadas à segurança e à economia.

**Truls Lie:** Há um grande número de agentes definindo, todo o tempo, a esfera pública. Por exemplo, quando a administração Bush fala em “armas de destruição em massa” e “terroristas”, eles estão fixando uma ordem que talvez deva ser contrariada. Este não é um caminho de constituir o mundo, que significa dizer atividade estética?

**Jacques Rancière:** Sim, podemos dizer que isso é um tipo de atividade estética, uma construção daquilo que é dado e o que podemos ver. Tomemos o exemplo das “armas de destruição em massa”: eu estava nos Estados Unidos no momento da grande ênfase sobre as armas de destruição de massa. O que me impressionou foi que aquilo não era apenas o perverso desenho de alguns políticos de extrema Direita e integrantes dos meios de comunicação. Eu me lembro que também políticos considerados liberais democratas estavam na televisão discutindo sobre armas de destruição em massa. O que é fascinante é que é muito fácil impor a existência de algo que não existe. Isso é muito fácil com poucas palavras; não exige um grande esforço de documentação, argumentação e persuasão. Você está delimitando aquilo que é dado, aquilo que é visível. Naturalmente, este caso é paradoxal, porque armas de destruição em massa são exatamente invisíveis, ainda que não fosse tão fácil aceita-lo. O alvo desse tipo de coisa é a *gestão* da população através do terror. Você é ameaçado, e se você conseguir convencer as pessoas de que elas estão amedrontadas, então você pode nomear também aquilo que as ameaça.

**Truls Lie:** Mas, por outro lado, você pode ver os terroristas como uma parte disso que não participa, ou uma parte que está tentando participar?

**Jacques Rancière:** Não, eu realmente não penso desta forma. O que é feito pelos chamados terroristas é uma forma de ação militar e psicológica. Do meu ponto de vista, isso não tem nada a ver com política. Política é quando você cria um palco onde inclui seu inimigo, mesmo que seu inimigo não queira ser incluído ou você estiver lutando contra esse inimigo. Penso que isso é muito diferente no caso do terrorismo. O terrorismo é apenas uma questão militar: “Nós queremos destruir ou prejudicar a capacidade do inimigo.” Isso é tudo. O problema é que eles não ajudam ninguém a agir contra a forma de poder a que estão submetidos.

**Truls Lie:** E os palestinos, que tem sido oprimidos por várias gerações?

**Jacques Rancière:** Os palestinos são um trágico exemplo. É um caso de injustiça, de injustiça óbvia. Ao mesmo tempo, parece ser quase impossível para eles dar uma espécie de visibilidade política à injustiça. Eles não têm

conseguido, é claro, porque muitas pessoas os vem impedido de ter sucesso, mas eles também não conseguiram construir um palco político entre nós e eles, um lugar para um debate político sobre Israel. Todos sabemos que Israel sobreviverá, independentemente do que possamos pensar sobre o nascimento de Israel, o que aquilo significou e sobre Israel hoje. A questão é, supondo que eu seja um palestino, como posso imaginar a vida no Oriente Médio onde preciso viver com a presença de Israel? Isto é o que penso que eles não podem fazer e isso é trágico.

Para Rancière, o processo de libertação da ordem policial através da tentativa de redistribuir aquilo que é percebido – o que pode ser dito e visto – baseia-se no conceito de igualdade universal. A questão, efetivamente, é permitir que aqueles cujas vozes são apenas percebidas como ruídos de fundo recebam verdadeira atenção. Isto é similar ao modo como os palestinos oprimidos, os nativos norte-americanos-sem-terra ou Roma pedem para serem ouvidos e respeitados em suas opiniões. Eles são os excluídos. E devem ser percebidos como seres falantes, ao invés de serem considerados “animais”. Isso acontecerá quando aqueles que não estão incluídos, aqueles que não estão autorizados a participar das tomadas de decisões – o proletariado, as mulheres, os não brancos, os imigrantes, os refugiados – romperem com o sistema consensual da ordem policial e se impuserem como visíveis e falantes. Para Rancière, *isto* é ação política.

**Truls Lie:** Jean Baudrillard sugeriu que os motins do ano passado nas periferias francesas, e os protestos a respeito das propostas de mudanças nas regras do mercado de trabalho desta primavera, foram basicamente um conceito formado pela burguesia para manter viva a ideia de protesto e proteger seus próprios salários.

**Jacques Rancière:** Sim, claro, ele é um crítico. Penso que houve verdadeiros motins nos subúrbios no final de novembro. O problema é que houve uma verdadeira rebelião contra certos estados das coisas, certas maneiras como as pessoas nessas áreas são desqualificadas do palco. Ao mesmo tempo, não havia uma verdadeira proposta política. O que eu quero dizer com proposta política é quando as pessoas são capazes de pensar não só para si mesmas, mas para qualquer um. Por isso foi muito mais uma espécie de luta entre aqueles setores da população e a política do estado. Mas, foi muito *significativo*. Assim como a reação de certas elites intelectuais que afirmaram que o movimento não era nada, apenas uma rebelião de jovens consumidores, que tudo o que queriam era consumir mais, que foram inspirados pelo islamismo, etc.

Portanto, houve uma forte negação sobre a realidade da rebelião. Ao mesmo tempo, é verdade que isso não cumpriu o verdadeiro significado e a visão da palavra.

Toda comunidade política é também uma comunidade estética dada a “partilha do sensível” previamente estabelecida, do que é visível, do que pode ser dito e feito. Falamos, portanto, sobre a política da estética.

A partilha do sensível é onde política e estética se encontram. Mas, precisamente, com a Internet, os blogs e os celulares da sociedade em rede, nós também temos os “*flash mobs*”, *ad hoc* redes que se mobilizam em protestos – pessoas reunidas em locais e momentos previamente definidos para participarem de demonstrações curtas e inequívocas, difundindo textos e listas de abaixo assinado, vídeos e imagens na Internet.

Existem ainda as combinações de mídia e “rua” – como as manifestações improvisadas contra o tratamento da juventude francesa ou dos extremistas islâmicos que atacaram embaixadas após a publicação das *caricaturas* – ações que almejavam serem políticas por serem visíveis e audíveis.

Rancière dá ao conceito de “estética” um significado diferente do que foi atribuído ao longo dos últimos séculos. Porque ele não prefere utilizar outro conceito?

**Jacques Rancière:** A estética deve ser repensada precisamente em seu significado político. O que “estética” significava quando foi criada, no final do século XVIII, era algo muito diferente de beleza ou de uma filosofia da arte. Era um novo *status* de experiência. Estética significou que, pela primeira vez, obras de arte não foram definidas de acordo com as regras de sua produção ou seus destinos num sistema hierárquico, mas sim consideradas para um tipo específico de sensação. Assim, os trabalhos artísticos não eram mais dirigidos a um público específico ou a uma hierarquia social. Isto foi conceituado na época por filósofos como Kant e poetas como Schiller, que pensaram que havia algo específico, um novo tipo de igualdade envolvida na experiência estética. Neste momento, nasceu a ideia de que na experiência estética e na comunidade estética existe uma possibilidade para um outro tipo de revolução.

**Truls Lie:** Ou seja, você utiliza a “estética” como um meio para compreender como o significado é constituído?

**Jacques Rancière:** O que eu quis dizer é que a estética não é uma disciplina que lida com a arte e as obras de arte, mas algo que eu chamo de

partilha do sensível. Quero dizer, uma forma de mapeamento do visível, uma cartografia do visível, do inteligível e também do possível. A estética foi uma espécie de redistribuição de experiência, a ideia de que havia uma esfera da experiência que não alimentava a distribuição tradicional, porque a distribuição tradicional acrescenta que as pessoas têm diferentes sentidos em acordo com sua posição na sociedade. Aqueles que foram destinados a criar regras e aqueles que foram destinados a serem regidos por regras, não têm o mesmo equipamento sensorial, nem os mesmos olhos, nem os mesmos ouvidos, e nem a mesma inteligência. A estética significa precisamente a ruptura com aquela forma tradicional de incorporar desigualdade na própria constituição do mundo sensível.

**Truls Lie:** A “estética relacional” é uma forma de trazer de volta a crítica social, trazendo as pessoas novamente à discussão. Não é apenas olhar objetos, é uma forma de ação. Como isto se relaciona com sua ideia de trazer à tona o que está em silêncio, fora do sistema hierárquico que você descreve?

**Jacques Rancière:** Eu penso que a estética relacional é um descendente contemporâneo de uma tradição mais ampla que foi parte da modernidade – a ideia de que a arte pediu para suprimir-se, para tornar-se uma forma de vida real. Aquela ideia teve uma espécie de intensidade no início do século XX, especialmente com a revolução Soviética, a ideia de que pintores não fazem mais suas pinturas em telas, mas estão construindo uma nova forma de vida.

A arte relacional é um espécime de descendente tardio daquela tradição, e eu diria que às vezes ela se torna uma paródia daquela tradição. Naturalmente, não devemos simplesmente debochar da arte relacional, dizer que se trata apenas de “dizer para as pessoas que não há nada para se ver naquela galeria, mas nós podemos discutir”. Todavia, as manifestações de arte relacional têm sido muito fracas.

**Truls Lie:** Como aqueles que não tomam parte podem se envolver? Eles devem ser educados, devem utilizar a violência? Como podem ser autorizados? Devem ser apenas ouvidos? Herbert Marcuse falou sobre a tolerância repressiva, considerando que ser ouvido não é suficiente para ganhar o poder de mudar as coisas.

**Jacques Rancière:** É difícil saber o que é suficiente. Existe aquela velha piada francesa que diz que democracia significa *sempre uma causa*, que democracia significa que você pode falar, mas não tem importância, não há resultados. O que eu considero ser a verdadeira emergência da liberdade de expressão ocorre exatamente nos locais que não deveriam ser lugares de liberdade de expressão. Isto sempre acontece sob a forma de transgressão. Política

significa propriamente isto, você falar num momento e num lugar onde não é esperado que você fale.

Numa entrevista anterior, Rancière falara sobre uma “igualdade que destrói todas as hierarquias ou representações e também estabelece uma comunidade sem legitimidade, uma comunidade formada apenas pela circulação fortuita da palavra. Tudo tem de passar pela página escrita.” Está ele aqui se referindo a Internet?

**Jacques Rancière:** De meu ponto de vista, a Internet é semelhante ao que foi a escrita num determinado momento. Isso significava a circulação de palavras e conhecimento que poderiam ser apropriados por qualquer pessoa. Isto não é uma questão de dar conhecimento a todos, é uma questão de ter palavras circulando de forma livre e desejável, e penso que isto é o que está acontecendo com a Internet. E é provavelmente por isso que algumas pessoas reacionárias estão tão brabas com a Internet, dizendo que é horrível o fato das pessoas entrarem na rede e poderem encontrar tudo o que quiserem, que isso é contra a investigação e a inteligência. Eu diria que não, esta é a forma como a inteligência, a inteligência igual, funciona. Você vaga ao acaso em uma biblioteca da mesma forma que navega ao acaso pela Internet. Isto é, de meu ponto de vista, o que igualdade de inteligência significa.

**Truls Lie:** Você está falando sobre aqueles que não participam, e que estão sendo envolvidos. Mas nos meios de comunicação há muitos *reality shows*, como *Big Brother* e similares. De certa forma, esta é a forma deles fazerem publicidade, não é? Será esta uma maneira de dar a palavra novamente para estas pessoas, aquelas que não participam?

**Jacques Rancière:** Você sabe, este é o problema. Eu não assisto muito televisão, ou a esses programas. Sei que algumas pessoas estão incomodadas, elas dizem que este é o fim da cultura, da civilização, de tudo. Eu não vejo assim porque eu não assisto televisão. Penso que você pode considerar a questão sob diferentes ângulos. É verdade que há um tipo de nova circulação, uma nova série de possibilidades. Será que esta nova circulação de possibilidades realmente significa um acesso à liberdade de expressão para mais pessoas? Eu acho que não, porque existe também uma espécie de padronização da democratização, uma construção padronizada da experiência de todos, e, naturalmente, no fim isto resulta em nada.

**Truls Lie:** Falando sobre liberdade de expressão, qual é a sua posição em relação e esses que, no debate a respeito das caricaturas de Mohammed, se posicionaram e disseram “nós somos oprimidos, o ocidente está nos oprimindo, debochando do nosso Deus”?

**Jacques Rancière:** Esta é uma questão complexa. A minha opinião é que a religião causou tanto mal que devemos ser autorizados a criticá-la. Nesse caso, as pessoas que ridicularizaram a religião islâmica tinham uma forma específica de ódio aos muçulmanos, o que corresponde a uma certa ideia do que significa a civilização ocidental. Ao mesmo tempo, não posso absolutamente concordar com esses movimentos revolucionários. Eu não concordo com nenhum tipo de movimento que diz que você não pode dizer isto ou aquilo.

**Truls Lie:** Você tem um enorme interesse em cinema. Atualmente há um renascimento de documentários políticos e filmes semi-documentários, como *Syriana*. Cinema é também um espaço que tem um lado político. De onde vem esse seu interesse?

**Jacques Rancière:** O que é interessante no cinema? Num certo sentido, é o paradoxo de que o cinema foi uma vez considerado uma coisa depreciável, algo fora da verdadeira arte. É muito impressionante que agora, quando as pessoas pensam sobre autoria e arte, não pensem muito em, por exemplo, escultores, mas sobre pessoas como Godard. O cinema é agora, eu diria, em certo sentido o paradigma da arte. Por outro lado, existe esta possibilidade de mostrar e dizer coisas, fazer uma paisagem oval do visível, o que é o nosso mundo. É verdade que tem havido um forte *revival* de filmes documentários nos últimos dez anos. Tem havido uma tentativa de fazer o cinema participar na cena política trazendo informações que não são dadas em nenhuma outra parte.

**Truls Lie:** Você acha que a fácil distribuição de filmes é a razão pela qual eles estão tomando conta da cena artística? Obras de arte, esculturas e pinturas são de difícil distribuição, ao contrário do filme, do vídeo e da televisão. Parte de seu foco de interesse por cinema é motivado por essa ampla influência?

**Jacques Rancière:** No mundo das artes, existem fortes discussões e também muitas formas de ações políticas. Há uma parte do mundo das artes, que está envolvida em projetos políticos e quem pensa que realmente pode executar as ações políticas. Não é o mesmo caso com o cinema. Ao mesmo tempo, o cinema tem uma espécie de audiência que não é a mesma de lugares como galerias, museus e bienais. Esta é uma parte da questão. A outra parte é, agora existe este novo tipo de conexão entre filme em teatros e filmes

## **U**rdimento

em museus e com o vídeo há uma nova circulação de filmes entre diferentes locais. Há lugares onde o filme é apresentado de forma tradicional – na sala de cinema você fica sentado em frente à tela – mas, nos museus existem muitas formas de apresentação de filmes e vídeos, onde você apenas passeia pelo espaço, parando um pouco. Existem tipos muito diferentes de percepção. O que é interessante no cinema hoje é esta forma de dupla existência.

**Truls Lie:** Finalizando: você é um filósofo – o que a filosofia realmente significa para você?

**Jacques Rancière:** Eu não acredito que a filosofia tenha uma identidade distinta que lhe dê uma missão distinta. A filosofia não tem objeto específico. Não existem associações definidas entre filosofia e experiência estética. Eu classificaria a filosofia como um lugar em movimento.